

CAPÍTULO UM

A poltrona velha contra-ataca

Foi pura coincidência o facto de, no mesmo dia em que fui à palestra Corpo e Alma, o PJ me ter dito que eu parecia uma poltrona velha. E o problema das coincidências é que, por mais que racionalizemos e digamos a nós próprios que não têm nada de sinistro nem, com certeza, nada de significativo ou espiritual, não conseguimos deixar de lhes dar mais importância do que merecem.

Para ser totalmente honesta, não estava a sentir-me muito bem comigo própria antes de me sujeitar à palestra Corpo e Alma. Só fui porque a Sara me chateou. A Sara tem esse efeito nas pessoas. Não lhe chama chatear, claro, chama-lhe preocupar-se com as pessoas, e, para ser justa, provavelmente é isso mesmo, mas na sua preocupação consegue levá-las a fazer coisas que elas na realidade não querem. A palestra Corpo e Alma é um bom exemplo disso. Que pessoa no seu perfeito juízo, trabalhando num hospital, como era o nosso caso, rodeada o dia inteiro, todos os dias, pelos doentes, feridos e mortalmente infelizes deste mundo, havia de querer passar nem que fosse meia hora do seu tempo livre a ouvir uma palestra com um nome desses? Se lhe chamassem Jogos e Diversão, ou até Paz e Sossego, talvez conseguissem atrair uma representação mais entusiástica do pessoal, e, se eu fosse a responsável pela promoção da palestra mensal de Medicina do Trabalho (que não sou, graças a Deus! — já tenho muito que fazer),

teria considerado seriamente a hipótese de lhe chamar Sexo Bizarro e Orgias para atrair as pessoas, só distribuindo os folhetos sobre corpos e almas depois de as portas estarem trancadas.

— «*Corpo e Alma: Contributo para Um Estilo de Vida Saudável*» — lera-me a Sara em tom entusiasmado alguns dias antes. — Aí tens, Rosie!

— Onde? — respondi em tom azedo. — O que é que tenho e onde?

— No Departamento de Medicina do Trabalho. Na palestra deles, sexta-feira à hora de almoço. Parece-me ser exactamente aquilo de que estás a precisar!

Não fiquei ofendida. Tinha passado as últimas semanas (ou talvez os últimos meses... ou estaria a começar a chegar a anos?) a queixar-me da minha vida, portanto, não podia culpá-la por sugerir que eu precisava de alguma coisa. Qualquer coisa. Até mesmo uma palestra de Medicina do Trabalho na minha hora de almoço.

— Não. Não preciso de nada. Estou bem, muito obrigada.

— Não estás nada.

Olhou para mim com aquele olhar que lança às pessoas que não estão bem. É difícil descrevê-lo, mas seria capaz de partir o coração de uma pessoa já mergulhada nas agonias de uma tragédia pessoal e provavelmente faria um animal-bebé rebolar e ficar deitado de barriga para cima com a língua de fora.

— Estás sempre a dizer — recordou-me na sua voz gentil e preocupada de Madre Teresa — que a tua vida é uma merda.

— Bom, sim, porque é verdade. Não preciso de uma palestra de meia hora para saber disso.

— Mas diz aqui. — Bateu com o dedo no monitor do computador, apontando para o *e-mail* como se fosse uma mensagem divina, e não uma das comunicações cheias de erros da Medicina do Trabalho. — Diz *Mude a Sua Vida*. Diz *Contributo para Um Estilo de Vida Saudável*.

— Blargh! Não alinho em ser saudável. Não alinho em estilos de vida.

— Nunca tentaste, Rosie. — Fitou-me com ar acusador, como se estivesse a magoá-la. — Nunca tentaste a sério, pois não? Sê honesta.

Tentei, sim!

Juro por tudo que tentei!

Sim, já tentei comer fruta! Já tentei cortar nas batatas fritas e nos chocolates e ir a pé para o *pub* em vez de levar o carro!

— Vai passear — repliquei.

— Bom, não vejo que mal poderia fazer — respondeu a Sara, afastando-se com um suspiro que teria feito qualquer pessoa mais vulnerável correr atrás dela, sentindo-se uma merda, e implorar o seu perdão, não desejando senão que ela lhe desse uma cópia do *e-mail* e pormenores sobre o local da palestra.

— Dá-me lá uma cópia do *e-mail*, então — disse quando a apanhei. — Aonde é que temos de ir?

Nesta altura, antes de aprofundarmos mais o assunto da palestra «Corpo e Alma», suponho que devo falar-vos sobre o PJ e como aconteceu a história da poltrona.

O PJ trabalha no hospital há já mais de um ano, o que é um período razoável no que diz respeito a contratos médicos, portanto conhecemo-nos um ao outro suficientemente bem para trocar um insulto de longe a longe. Podíamos dizer uma piada, podíamos rir-nos juntos. Já tínhamos passado a fase da deferência educada. Mas ainda devia haver uma linha para além da qual não era aceitável ir, e digo-vos qual era essa linha — ou qual deveria ser, se lá estivesse: a linha de *compreensão*. Compreender os sentimentos da outra pessoa e saber aquilo que podia feri-los. O que podia fazer com que essa pessoa se sentisse pequena, ou insegura, ou ficasse acordada de noite preocupada consigo própria.

O que se passava com o PJ é que ele tinha dois problemas sociais sérios. Primeiro, era jovem, e segundo, era homem. Não podia evitá-lo. Não era com má intenção. Simplesmente tinha o efeito de fazer com que a boca dele se abrisse sem a sua autorização, permitindo a saída de uma torrente de perfeitos disparates que arrasavam tudo à sua volta. E também era cirurgião e, acreditem, depois de já ter trabalhado com dezenas, possivelmente centenas, de cirurgiões ao longo dos anos, posso dizer-vos que esta é mais uma grave desvantagem social. Eles estão habituados a dizer a verdade nua e crua às pessoas, sem papas na língua.

Receio que isto vá doer bastante.

Temos de lhe amputar a perna.

Se não o operarmos, morrerá.

— O melhor que posso dizer a teu respeito — disse o PJ no dia em que eu espantei o Departamento de Medicina do Trabalho do Hospital Geral de East Dean, ao comparecer na sua palestra e ouvi-la efectivamente — é que me fazes sentir confortável.

Sentou-se ao meu lado a sorrir, com um ar muito satisfeito consigo próprio, como se tivesse acabado de me fazer o maior elogio que conseguia imaginar.

— Confortável. — Tentei sorrir mas senti os músculos do rosto resistirem ao esforço. — *Confortável?* Mas isso faz com que eu pareça uma poltrona velha!

— É exactamente isso! — concordou ele, com demasiado entusiasmo. — Uma poltrona velha acolhedora e confortável, onde uma pessoa pode relaxar depois de um dia difícil. É essa a sensação que me transmite.

Na altura eu estava sentada, não exactamente numa poltrona velha acolhedora e confortável, mas no banco de vinil verde que era o conforto possível na sala de café do pessoal das Consultas Externas, a beber uma coisa cor-de-rosa e desagradável que supostamente me faria perder peso sem passar fome. Eram apenas onze horas e eu já estava com fome, portanto não só aquela porcaria era um nojo, como também não estava a resultar, deixando-me mal-humorada. Ou talvez fosse a fome que me estava a deixar mal-humorada.

— *Muito* obrigada! — retorqui secamente, sacudindo a mão que ele pousou de imediato no meu braço e o pedido de desculpas que tentou impingir-me. Um pedido de desculpas feito *a rir*, o que, para mim, não era muito melhor do que o insulto original.

— Vá lá, Rosie! Não queria dizer...

Levei o copo com os restos da porcaria cor-de-rosa para o lava-loiça e enxaguei-o com gestos bruscos, abrindo demais a torneira e salpicando-me toda com água. Mesmo assim ouvia-o atrás de mim, ainda a rir-se.

— Estava a tentar ser simpático!

— Pois bem, tens de te esforçar mais — respondi, retirando-me intempestivamente, numa atitude um pouco teatral, suponho, mas enfim... como é que *vocês* se sentiriam? A última coisa que eu queria, aos quarenta e quatro anos, era descobrir que as pessoas me achavam *confortável*. Parece uma coisa tão da meia-idade! Faz lembrar Institutos de Mulheres e Confeção de Compotas, Pontos de Tricô e Cacau. Traz um aroma de medo; o medo de envelhecer que eu estava a tentar ignorar desde que fizera quarenta. Não queria ser confortável! Queria ser interessante, excitante, sedutora, até mesmo fascinante. Ninguém acha fascinante uma velha poltrona confortável, pois não?

Oh, meu Deus! Quarenta e quatro anos e a minha vida estava acabada.

— Tenho a certeza de que não era isso que ele queria dizer — disse a Becky, tentando acalmar-me, quando voltei ao meu posto e lhe contei o sucedido.

Era muito fácil para ela falar — ela e os seus trinta e dois anos e cinquenta quilos.

— Estava apenas a ser um homem típico e irreflectido.

Na maneira de ver da Becky, tudo se perdoava aos homens, desde que fossem bem-parecidos e encantadores. Encantadores para *ela*, claro — coisa que a maioria dos homens era, graças às suas saias curtas, cabelo escuro e comprido e pestanas com cinco centímetros de comprimento. Para ser honesta, o PJ nem sequer era muito atraente: era mais a dar para o magro, com grandes olhos castanhos que o faziam assemelhar-se a um coelho assustado. Mas, pelo menos, não parecia uma poltrona.

A Becky e a Sara eram as minhas duas colegas no balcão da Recepção das Consultas Externas. Ao contrário dos médicos, o nosso trabalho implicava sermos sempre doces, acolhedoras e diplomáticas com as pessoas, todos os dias, por mais rudes que fossem connosco e independentemente de como nos sentíssemos. Não queria dizer que tivéssemos de ser doces e diplomáticas umas com as outras, claro, e por vezes uma boa pega entre nós era a única forma de aliviar a tensão de sermos constantemente boazinhas. O problema era que tínhamos de discutir baixinho para que os pacientes não ouvissem.

— Seria simpático se ficasses do *meu* lado, para variar! — acusei-a entre dentes, largando uma pilha de fichas de pacientes na secretária à frente dela e obrigando-a a desviar as mãos com um movimento assustado.

— Do teu lado? — sussurrou ela. — Quem é que está a falar de lados? Desde quando é que tu e o PJ estão em guerra?

— Desde agora. Desde que ele me chamou poltrona velha.

Já se travaram guerras por coisas menos graves, se querem saber a minha opinião. O PJ faria bem em ter cuidado.

— Bom, seja como for — interveio a Sara, que estava com um ouvido na nossa conversa enquanto tratava dos problemas de uma grávida que, por qualquer motivo, aparecera na consulta de cirurgia em vez de ir para a consultas pré-natal —, talvez te sintas melhor contigo própria depois de irmos à palestra.

— Palestra? Qual palestra? — perguntei com irritação.

— Sabes, a de Medicina do Trabalho, à hora de almoço. *Corpo e Alma*.

— Oh, fantástico, é mesmo disso que estou a precisar! Insultos e tédio, tudo num só dia.

— Mas prometeste que ias... — recordou-me ela, olhando para mim por cima dos óculos.

— Sim, está bem, está bem, eu vou.

Qualquer coisa por uma gargalhada. A estúpida palestra não podia fazer-me sentir pior do que alguém chamar-me poltrona velha, pois não?

Bom, sim, por acaso, podia.

A Sara e eu chegámos um pouco atrasadas à palestra, de maneira que entrámos sorrateiramente e sentámo-nos na última fila, tentando esconder-nos por trás das outras pessoas. A enfermeira de Medicina do Trabalho, que era alta e musculada e tinha ar de quem ia ao ginásio duas vezes por dia e passava o tempo livre a escalar montanhas, estava a escrever no quadro da sala de conferências. Tinha dividido o quadro em duas metades e por cima da metade do lado esquerdo estava escrito em grandes letras maiúsculas CORPO, e do lado direito, ALMA. Por baixo de CORPO estavam até agora duas palavras: TAMANHO e PESO. Pensei em levantar-me e sair, mas se calhar isso atrairia demasiada atenção para o meu *Tamanho e Peso*. Talvez o melhor fosse escapulir-me de gatas.

Alguém na fila da frente levantou a mão e disse:

— Boa forma! — e a Mulher Alpinista acenou entusiasticamente e escreveu BOA FORMA no quadro, por baixo de TAMANHO e PESO. Encolhi-me mais na cadeira. Pelos vistos isto era um exercício de participação.

— Para aqueles que só agora se juntaram a nós — disse ela numa voz ribombante e jovial (obviamente desenvolvida durante anos a cantar à tirolesa pelas cordilheiras montanhosas), acabando com qualquer esperança que eu ainda pudesse ter de sair sem ser notada —, estamos a partilhar sugestões de palavras significativas sobre a nossa Imagem Corporal.

Houve um silêncio expectante na sala. Apercebi-me gradualmente de que toda a gente estava virada para trás, a olhar para mim e para a Sara. Na verdade, a própria Mulher Alpinista estava a olhar directamente para nós.

— Então! — troou. — Alguma sugestão, vocês as duas aí atrás?

É injusto ou não é? Lá porque uma pessoa chega atrasada à palestra, provavelmente já cheia de stresse porque se viu aflita para se livrar da fila de pacientes na Recepção que aguardava a sua vez de a maltratar, isso não é motivo para a atormentar desta maneira e lhe chamar a atenção em frente de toda a turma! Lancei um olhar de esguelha à Sara, que estava a sorrir para a Professora com um agradável ar de cooperação, e obviamente sem a mínima intenção de fazer alguma sugestão. A Sara virou-se para mim e ergueu as sobrancelhas.

— Rosie? — disse em voz alta.

Bem, muito obrigada, amiga! Com os holofotes agora unicamente concentrados em mim, disse a primeira coisa que me veio à cabeça, e que, com toda a naturalidade, foi:

— Poltrona!

— *Poltrona?* — repetiu a Mulher Tirolesa, esfregando a cabeça como se estivesse à procura de inspiração. — A palavra *poltrona* é significativa em relação à sua imagem corporal?

— Sim.

— Que interessante... — mentiu, virando-se ainda assim para a escrever no quadro. — Pode, hã... explicar-nos...?

— Uma poltrona velha — expliquei, sentindo a voz erguer-se de indignação ao recordar novamente o insulto — é uma coisa confortável onde podemos deixar-nos cair.

Uma onda de risinhos abafados percorreu a sala. Teria dito alguma coisa engraçada?

— *Confortável* — repetiu a Professora, escrevendo também a palavra no quadro. Pelos vistos estavam com falta de sugestões, antes de eu chegar. Virou-se de novo para mim. — Então sente-se confortável em relação ao seu corpo?

— Não! — Estaria a brincar? Alguém se sente? — Não — repeti tristemente. Os risos morreram e mais cabeças voltaram-se para olhar para mim. Quem era esta louca, afinal, que entrava atrasada e começava a divagar sobre poltronas? — O que me sinto é... velha. Velha e gasta e não... não muito atraente.

As pessoas viraram-se todas de novo para a frente, agora provavelmente embaraçadas. Ouvi algumas tossidelas e depois ergueram-se duas ou três mãos e foram feitas mais duas ou três sugestões — sugestões razoáveis, sobre dieta e higiene dental e a prevenção da prisão de ventre. Nada sobre peças de mobiliário. Mas reparei que a Alpinista olhou para mim uma ou duas vezes e era capaz de jurar que ela estava a sorrir.

— O que estamos a ver aqui — anunciou ela finalmente, depois de ter preenchido a metade esquerda do quadro com o que parecia (à exceção de POLTRONA) os títulos de capítulos de uma Enciclopédia Médica Familiar — é a soma das vossas inseguranças sobre os vossos corpos.

Ouviu-se um murmúrio de protesto em algumas fileiras.

Inseguranças?, dizia a expressão surpreendida de uma jovem enfermeira particularmente bonita na fila da frente que, obviamente, não tinha insegurança nenhuma.

Inseguranças?, murmurou um porteiro corpulento sentado à minha frente, que não parecia muito certo do significado da palavra.

Inseguranças, pensei eu com um aceno de concordância. Ela acertara em cheio. Todas as palavras escritas naquele quadro me faziam sentir insegura, até mesmo a data no cimo de tudo. Endireitei-me um pouco mais e comecei a ficar mais interessada. Talvez o ar das montanhas lhe tivesse feito bem ao cérebro, afinal.

— Muito bem, talvez isso vos dê uma pista — disse ela com um novo assomo de entusiasmo — daquilo que estou à procura para o lado direito?

Tamborilou com a caneta na metade vazia do quadro e olhou para nós com expectativa. Silêncio. Toda a gente ficara demasiado insegura para falar. Olhou para mim. Eu estava a tentar esconder-me atrás da cabeça do porteiro, mas ele não parava quieto.

— Rosie? — incentivou.

Está claro que a Sara tinha de ter anunciado o meu nome ao mundo. Agora não havia nada a fazer... estava marcada para toda a vida. Encolhi os ombros.

— Não tenho a certeza do que quer dizer com *alma* — admiti.

— Alma, mente, coração, chamem-lhe o que quiserem. Estou a falar do *eu* dentro do corpo. Da vossa personalidade. Do vosso espírito. Dê-me uma palavra que resuma a imagem que tem de si própria... *por dentro*.

Meu Deus, isto era como ser despida e colocada em exposição numa montra. Senti-me encolher. Porquê eu? Não fora já suficientemente castigada por ter chegado atrasada? Pergunte a outra pessoa, Professora, por favor... não quero ser a primeira...

— Amável. Justa — disse uma gerente de pessoal de segunda classe, com um tique nervoso que parecia um ataque de soluços.

Olhei para ela. Como é que teve coragem para ser a primeira, quando não conseguiu arranjar nada melhor para dizer? *Amável? Justa?* Que raio de auto-imagem era essa? Eu preferia morrer do que admitir que tinha uma auto-imagem tão fraca, patética e indefinida. Preferia pensar em mim própria como...

— Dinâmica! Criativa! Carismática!

De onde diabo é que *aquilo* saiu? Senti-me corar como um tomate e os risinhos recomeçaram à minha volta. A Sara estava a dar-me toques.

— Boa! — disse, apontando para a Mulher Alpinista, que estava a escrever as minhas palavras no quadro com gestos satisfeitos e decididos.

— Muito bem — anunciou. — Mais alguém?

À medida que o lado direito do quadro se enchia gradualmente com o equivalente de um relatório psiquiátrico sobre um paciente com personalidade múltipla, fiquei ali sentada em silêncio, vendo apenas aquelas três palavras:

Dinâmica — Criativa — Carismática.

Ouvi, genuinamente interessada, enquanto a Mulher Alpinista explicava a sua teoria de *Contributo para Um Estilo de Vida Saudável*. Não importava, explicou ela, a atenção que se desse ao lado esquerdo do quadro, se não perdêssemos algum tempo a reflectir sobre o lado direito. Pensem no que a vossa auto-imagem vos diz. Se se consideraram magras e em boa forma no lado esquerdo, mas as palavras do lado direito são todas negativas, talvez estejam demasiado obcecadas com a aparência física e deversem ir menos ao ginásio e fazer mais amigos novos no *pub*. Se a vossa auto-imagem física é má, mas estão felizes dentro do vosso corpo, talvez precisem apenas de uma boa dieta.

— Tudo um bocadinho óbvio, na verdade — murmurou a Sara com ar desapontado.

No fim da palestra, deixei-me ficar para o fim.

— Está tudo bem, Rosie? — perguntou a Alpinista quando passou por mim ao sair da sala.

— Sim, obrigada — hesitei. — Posso perguntar-lhe uma coisa?

— Claro! — respondeu com um sorriso radiante.

Aquilo devia ter feito maravilhas à sua auto-imagem.

— O que diria — perguntei em voz baixa, não fosse alguém estar a ouvir — a alguém cuja imagem corporal é uma poltrona e cuja imagem interior é Criativa, Dinâmica e Carismática?

— Saia da poltrona — respondeu ela imediatamente, fitando-me com um olhar tão directo que me senti, de repente, como se estivesse na igreja a falar com o vigário. — E faça-se criativa, Rosie! Faça-se dinâmica! Seja carismática!

Bom, provavelmente fá-lo-ia, se soubesse como, não era?

— Dirias que sou dinâmica? — perguntei ao Barry nessa noite, enquanto íamos tropeçando um no outro na cozinha.

Estorvamo-nos sempre um ao outro quando estamos na cozinha ao mesmo tempo. Ou em qualquer outro lugar ao mesmo tempo, na verdade. Nesse momento eu estava a tentar descascar e cortar coisas para um salteado de legumes. Ele estava a tentar encher a chaleira para fazer um café, e parecia que isso o obrigava a dar-me cotoveladas, entornar água por cima das minhas mãos e bater com as portas dos armários.

— Hum — disse ele, sentando-se à mesa da cozinha com o jornal, enquanto esperava que a água fervesse.

É claro que, sendo um homem, não podia fazer mais nada enquanto a chaleira estava a aquecer.

— «Hum»? O que queres dizer? Isso não é resposta. Quero uma resposta. Sou ou não dinâmica e carismática? — Fiz uma pausa, esperando que ele desse indícios de estar a ouvir, e na ausência destes continuei de qualquer modo: — Ou pensarias mais em mim em termos de ser...

Ele levantou lentamente os olhos do jornal. Tanto podia estar a ouvir-me como ou apenas a pensar se a chaleira já estaria a ferver.

— ... confortável? Como uma poltrona velha?

Fitou-me sem expressão.

— Então? — insisti, abanando uma cenoura meio descascada na direcção dele. — Então?

Fez uma expressão resignada, a expressão de alguém que sabe que não tem absolutamente qualquer hipótese de dizer a coisa certa, que sabe ser um homem condenado e que mais valia desistir logo.

— A que propósito é que isso vem? — perguntou, tentando ganhar tempo.

Suspirei e voltei a cortar as cenouras. Não queria dizer-lhe que um tipo no trabalho, dez anos mais novo do que eu, me tinha chamado poltrona velha. Ele teria grandes dificuldades em não se rir alto e seria demasiado tentador usar a frase como munição em discussões futuras.

Sim, sou preguiçoso, egoísta e mal-humorado, e depois? Pelo menos, não pareço uma poltrona velha!

— Não quero ser de meia-idade — disse eu, maldisposta, atirando rodelas de cenoura para dentro de uma frigideira.

— O que estás para aí a dizer, minha tonta?

Uma pequena onda de calor reparador começou a invadir os meus ossos velhos, frios e assustados. Talvez me estivesse a preocupar desnecessariamente. Pelo menos, o Barry não me via como uma poltrona velha. É verdade que já nem sequer olhava para mim com olhos de ver, mas talvez se olhasse, se fizesse um esforço e pensasse realmente nisso, não me visse apenas como a Rosie, a Rosie simples, rechonchuda, chata e velha, de cabelo sem vida, mas sim como a pessoa dinâmica e carismática por quem se apaixonara há muitos anos.

— *Está claro* que és de meia-idade! — prosseguiu ele calmamente, baixando de novo os olhos para o jornal. — Somos todos, não somos? Tens de enfrentar isso mais cedo ou mais tarde, Rosie, minha velhota!

Velhota! Raios me partam, *velhota!*

Percorri a cozinha com passos pesados, atirando legumes para a frigideira, cada vez mais furiosa, vendo o óleo quente cuspir e com vontade de fazer o mesmo. Dei uma cotovelada com força ao Barry quando ele se atravessou outra vez no meu caminho para tirar o leite do frigorífico.

— O que se passa contigo? — perguntou ele em tom agressivo. — Correu-te mal o dia no trabalho?

O que se passa comigo?! Como é que ele podia já se ter esquecido, apenas três minutos e meio depois ter dito que eu era de meia-idade e velha no espaço de duas frases? Será que não percebia mesmo que acabara de me insultar, de causar danos irreparáveis à minha auto-estima, praticamente sem parar de ler uma notícia sobre ventos fortes e tempestades no Oeste de França?

— Então, há quanto tempo é que isto se passa? — acabei por perguntar a meio da refeição que até aí tínhamos estado a comer em silêncio.

— O quê? — olhou para mim com ar desconfiado. — Há quanto tempo é que se passa o quê? E o que é que tu tens?

— Há quanto tempo é que eu sou uma *velhota*? Há quanto tempo é que pensas em mim como velha e chata e...

— Oh, estou a ver! — acenou com satisfação, orgulhoso de si próprio por ter percebido qual era o problema. — Por amor de Deus, Rosie... *perguntas-me* o que eu penso e depois não gostas da resposta.

É claro que não gosto, idiota. Devias ter mentido.

— Eu não disse que eras chata — acrescentou ele, olhando para mim como se estivesse a considerar essa possibilidade. — Mas de que adianta fingir? Somos ambos de meia-idade.

— Pois bem, eu não quero ser — retorqui, infantilmente.

— E eu?

É mesmo coisa de homem. Virar a conversa para si próprio quando não é o centro das atenções.

— Tu o quê?

— Bom, não podes dizer-me que não pensas em *mim* como um homem de meia-idade.

Felizmente tinha a boca cheia de comida. Abrandei a velocidade de mastigação e deglutição para ter tempo de pensar numa resposta. Essa era a diferença entre nós os dois, percebem: eu tinha muito mais consideração pelos sentimentos dele. Não queria enfiar a faca na ferida e torcê-la, como ele tinha feito. Mas não havia como fugir ao facto de que ele acertara em cheio. É óbvio que pensava *nele* como um homem de meia-idade! O Barry era de meia-idade desde os vinte e cinco anos! Andava de um lado para o outro na estufa a falar sozinho. Referia-se aos anos 60 como os Bons Velhos Tempos. Resmungava sobre os adolescentes e a música *pop* e o facto de as pessoas não falarem como deve ser. Por vezes, eu sentia-me como se ainda vivesse com o meu pai.

Acabei de engolir. Tinha de dizer alguma coisa.

— Bom, se eu sou de meia-idade, então tu também deves ser — admiti, em tom ressentido.

Ele sorriu e continuou a jantar, todo satisfeito.

— Não vou resignar-me! — disse-lhe, atirando o garfo para cima da mesa. — Não quero ser de meia-idade e *não* quero ser confortável!

— Então, o que vais fazer? — perguntou ele com um suspiro, olhando para mim como se eu fosse uma aluna saturante numa das suas aulas.

Sim, o quê?

O que se faz com as poltronas velhas? Compram-se almofadas novas? Tapam-se com veludo vermelho? Mandam-se estofar e pôr molas novas?

— Vou reinventar-me — declarei, com muito mais confiança do que sentia e ignorando o facto de aquilo ser absolutamente ridículo.

— Vou tornar-me uma pessoa nova. Vou tornar-me dinâmica, criativa e carismática.

— Bom, ainda bem — disse o Barry calmamente, levantando-se para pôr o prato na máquina de lavar. — Sobrou algum pudim de ontem?

Nesta altura, devo dizer que sei que provavelmente estão a perguntar a vós próprios por que razão reagi a esta história da poltrona e da meia-idade de forma tão dramática. *Qual é o drama?*, devem estar a perguntar. *Afinal, por que diabo é assim tão terrível passar pela vida como uma poltrona confortável, quando há pessoas no mundo que não sabem de onde virá a próxima cêdea de pão e que não têm onde cair mortas?* Bom, aceito o vosso argumento. Mas, por uma questão de justiça, talvez seja preciso que saibam que, para além do Barry, tudo na minha vida era muito jovem. Para começar, tinha três filhos muito jovens, dos quais um e meio ainda viviam lá em casa. A Emma, a mais velha, já abandonara o ninho da família e instalara-se numa árvore muito mais interessante — uma casa partilhada em Londres, sendo os restantes moradores o namorado dela, o Tom, e um sortido de outros jovens entusiásticos. O passarinho que ainda estava meio dentro, meio fora, era a nossa segunda filha, a Natasha, que frequentava o primeiro ano na Universidade de Leicester e nos fazia visitas breves mas interessantes, um fim-de-semana de vez em quando, a que se seguiam estadas mais prolongadas durante as férias, altura em que reivindicava o seu quarto, a sua aparelhagem e os direitos de propriedade sobre o cão. Esta propriedade era ferozmente disputada desde que ela partira para a universidade, altura em que o Stuart, o mais novo, decidira que, já que era ele que tinha de lhe dar de comer, de o passear e de o entreter quando a Natasha não estava, o *Biggles* passaria daí em diante a ser considerado o cão dele. O *Biggles*, já agora, também era bastante jovem, tendo nascido fora dos laços do matrimónio de uma mãe *cocker spaniel* e de um grande pai castanho e hirsuto de raça indeterminada, apenas poucos meses antes da partida da Natasha para a universidade.

Quando os miúdos eram todos criaturinhas indefesas, a chorar nos seus carrinhos de bebé e a vomitar nos tapetes, eu costumava sonhar com o futuro, com uma época em que eles seriam todos pessoas crescidas, encantadoras e sensatas, que levariam os próprios copos para a cozinha, se ofereciam para ir pôr o lixo e teriam conversas. Sabem, conversas de família como deve ser, sobre coisas sérias e interessantes. Política, religião e de quem era a vez de ir pôr o lixo. Em vez disso, nesta altura da minha vida, o Stuart e uma série de amigos passavam

o tempo a entrar a correr por uma porta e a sair pela outra, largando mochilas da escola e sacos de futebol por onde passavam, e a conversa nunca ia muito além de:

Aonde vais?

Sair.

Quando voltas?

Não sei.

E os trabalhos de casa?

Não tenbo.

A sua juventude, energia e penúria verbal estavam a dar cabo de mim. Observava-os e sentia a minha vida a declinar. Falava com eles e ouvia as minhas palavras ecoarem num abismo de fôlego desperdiçado.

E depois ia trabalhar e dava de caras com a jovem e encantadora Becky, com a Sara, mais nova e mais bonita do que eu, e com cerca de uma centena de homens e mulheres de bata branca, jovens e atraentes, que não pareciam ter idade sequer para serem estudantes de Medicina, quanto mais médicos qualificados.

Está bem, admito. Estava com um problema.

Perceberam? Estão a ver de onde é que ele vinha?

Eu não queria ser a poltrona velha e gasta numa vida cheia de mobílias modernas e bonitas.

Não estava disposta a resignar-me e a aceitá-lo; ia ripostar!

Em algum ponto no futuro eu olharia para trás, para este dia, e pensaria: «Esse foi o ponto de viragem, o dia da palestra “Corpo e Alma”.»

Enchi a máquina da loiça, fui para a cama e sonhei que a Mulher Alpinista me perseguia no parque de estacionamento do hospital e que toda a gente se ria de mim.

Mas eu ia mostrar-lhes! Eles veriam!